

SERMÃO 48 – O DIA SANTIFICADO (1445) – NICOLAU DE CUSA

SERMO XLVIII – DIES SANCTIFICATUS

Tradutores¹:
Pedro Calixto (UFJF)²
William Davidans Sversutti (UFPR)³

RESUMO: O sermão número 48, “O dia santificado” (*Sermo XLVIII: Dies Sanctificatus*), proferido em Mainz na data de 6 de Janeiro de 1445, na Festa da Epifania do Senhor, traz alguns temas de interesse na compreensão do desenvolvimento da filosofia cusana no período imediatamente posterior à obra *A douta ignorância* (*De docta ignorantia*, 1440) e *As conjecturas* (1442). Este sermão é citado no opúsculo *A busca de Deus* (*De querendo deum*, I, 16, 3), de 1445, como sendo a primeira tentativa cusana de tratar do tema dos “modos de conhecimento” (*modi cognoscendi*) a partir da perspectiva do tema da “luz e das cores”, caro à tradição de comentadores escolásticos do *De anima* aristotélico, tentativa essa que viria a ser aprimorada no referido opúsculo. Nele, Cusa busca uma “conjectura” capaz de simbolizar a relação paradoxal de imanência e transcendência entre Deus e a criação, mediante a relação que se estabelece entre a luz sensível e as cores do arco-íris. A luz, embora *explicada* em suas determinações, isto é, nas cores, ainda permanece transcendente às mesmas, as *complicando* enquanto luz pura. Do mesmo modo, Cusa evoca o exemplo do “sentido comum” da tradição escolástica, que em sua interpretação neoplatonizante, seria responsável por “*complicar*” todos os sentidos. Por fim, mediante tais exemplos da luz e dos sentidos, Cusa encaminha sua reflexão à visão do “modo de ser divino”, que, segundo ele, também poderia ser intuído no exemplo do nome divino *IHWH*. Esse nome inominável que complica todos os nomes, assim como os exemplos tratados, simboliza aquela realidade divina que *complica* e *explica* todas as coisas. A reunião desses exemplos é abalizada por uma coleção de citações escriturais, que buscam trazer respaldo às suas interpretações.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

² Doutor pela Universidade de Paris Sorbonne e Universidade de São Paulo. Concluiu o pós-doutoramento pela Universidade de São Paulo sob a orientação de Moacyr Ayres Novaes Filho. Ex-professor da Universitas Catholica Parisiensis – PUC – Paris. Professor na Universidade Federal de Juiz de Fora. Pesquisador junto ao CEPAME – Universidade de São Paulo. Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/0104971775700240>>. E-mail: <pedro.calixto@ufjf.br>. ORCID: <<https://orcid.org/0000-0001-6283-1836>>.

³ Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Paraná (UFPR) sob a orientação do Prof. Dr. Lúcio Souza Lobo e co-orientação do Prof. Dr. Pedro Calixto. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES). Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/8769893436669055>>. E-mail: <williamsversutti@gmail.com>. ORCID: <<https://orcid.org/0000-0003-2740-768X>>.

O Dia Santificado⁴

1 – Trata-se do oitavo responsório. A partir do *Evangelho*, notamos duas coisas: em primeiro lugar, que aquele menino que “nasceu em Belém”⁵ e “se chama Jesus”⁶, etc., foi encontrado por reis. E, naquela passagem, foi revelado o que foi omitido no dia da Circuncisão, a respeito do nome “Jesus”⁷, e de que maneira é procurado e encontrado o Salvador. Em segundo lugar, obtemos o modo pelo qual o tendo encontrado “se prostraram em oração”⁸ e “renderam-lhe presentes”⁹. Primeiramente, vejamos na medida de nossas capacidades, a respeito do nome de Deus, do nome das criaturas e do nome “Jesus”.

2 – a) Sobre o nome de Deus: Abraão buscou pelo nome de Deus, e Deus disse: “Por que buscas meu nome, que é prodigioso?”¹⁰ Por que prodigioso? Pois é inatingível. Porque essa é a opinião concorde de todos os prudentes, que seu nome não é nomeável, uma vez que “prodigioso é seu nome por toda a terra”¹¹. E, a partir disso, Davi disse que “elevada é a sua magnificência acima dos céus” intelectuais, que bem “narram sua glória, e suas obras anunciam o firmamento”¹². E Salomão, no último de seus provérbios ascende em espírito acima e abaixo, mas não encontra seu nome. E o que isso significa, veja-se no texto, o que explica claramente “a visão que expôs um homem, com o qual está Deus, e que tendo sido confortado pela assistência de Deus que reside nele, disse: eu sou o mais insensato dos homens e a sabedoria não está comigo”¹³. E posteriormente, em outro lugar dessa obra, diz claramente [o nome de] Deus: “qual é o seu nome, e qual é o nome de seu filho, se é que o sabes? Toda palavra de Deus é purificada pelo fogo”¹⁴, etc.

⁴ Sermão proferido em 6 de Janeiro de 1445, na Festa da Epifania do Senhor, na cidade de Mainz. Todas as notas de rodapé aqui apresentadas são retiradas do portal da obra completa de Nicolau de Cusa (<http://www.cusanus-portal.de/>). As notas acrescentadas pelos tradutores são indicadas por: “Nota dos trads.”. O Texto latino também vem acompanhado das notas de rodapé originais do portal. As citações utilizadas por Nicolau de Cusa da *Vulgata Latina* são adaptadas ao português moderno a partir da tradução portuguesa direta da *Vulgata* de Antônio Pereira de Figueiredo, de 1885.

⁵ Mt. 2:1.

⁶ Mt. 1:25; Lc. 1: 31.

⁷ Lc. 2:21; Mt, 1:25, Lc. 1:31.

⁸ Mt. 2:11.

⁹ Mt. 2:11.

¹⁰ Jz. 13: 18.

¹¹ Sl. 8: 2-10.

¹² Sl. 18:2.

¹³ Pv: 30: 1-2. Cf. Trad. da *Vulgata* de Antônio Pereira de Figueiredo.

¹⁴ Pv: 30: 4. Cf. Trad. da *Vulgata* de Antônio Pereira de Figueiredo.

Texto Latino - *Sermo XLVIII - Dies sanctificatus*– 1445

1 - «Dies sanctificatus»¹⁵, etc. Est octavum responsorium. Ex evangelio duo notemus: primo, quod puer ille, qui «natus est in Bethlehem»¹⁶ et «vocatur Jesus»¹⁷ etc, inventus est per reges. Et in illa parte expediatur id, quod fuit in die Circumcisionis omissum, de nomine «Jesus»¹⁸, et quo modo quaeritur et invenitur Salvator. Secundo habemus, quo modo reperto eo «procidentes eum adoraverunt»¹⁹ et «obtulerunt ei munera»²⁰. Quoad primum videamus de nomine Dei, de nomine creaturae et de nomine «Jesus»²¹.

2 - a) De nomine Dei - Abraham quaesivit nomen Dei, et dixit Deus: «Cur quaeris nomen meum, quod est admirabile»²², etc? Cur admirabile? Quia non attingitur. Nam haec est omnium prudentium concors sententia, quod nomen eius non est nominabile, quoniam «admirabile est nomen eius in universa terra»²³. Ex eo dicit David, quia «elevata est magnificentia eius supra caelos» intellectuales, qui bene «enarrant gloriam eius, et opera eius annuntiant firmamentum»²⁴ etc. Et Salomon Proverbiorum paenultimo ascendit in spiritu sursum et deorsum, sed non reperit nomen eius. Sed quid ait ipse, videatur in textu, quia enarrat «visionem viri, cum quo Deus, et qui Deo secum commorante ait confortatus: Stultissimus sum virorum, et sapientia hominum non est mecum»²⁵. Et postquam opera aliqua Dei enarravit, dicit: «Quod nomen eius est, et quod nomen filii eius, si nosti? Omnis sermo Dei ignitus», etc.

¹⁵ Ps. 28,2.

¹⁶ Matth. 2,1.

¹⁷ Matth. 1,25; Luc. 1,31.

¹⁸ Luc. 2,21; Matth. 1,25; Luc. 1,31.

¹⁹ Matth. 2,11.

²⁰ Matth. 2,11.

²¹ Luc. 2,21; Matth. 1,25; Luc. 1,31.

²² Ps. 8,2.10.

²³ (Ps. 8,2.10.)

²⁴ (Ps. 18,2.)

²⁵ (Prov. 30,1-2.)

3 – O que, portanto, todas as criaturas atingem a respeito de Deus? Pois em sua obra atinge a mesma maravilhosa, mas não atinge ele mesmo. Vê: onde são encontrados os nomes das cores? Não seria na região da visão? Pois, subtraída a visão, a cor não é. Na cegueira não há cor; desse modo, em toda região que a cegueira pode atingir não se encontra a cor. Portanto, a cor é na região da visão. Mas a visão não é atingida por nenhuma cor, pois a visão não é colorida. Portanto, a visão é exterior à região das cores; e, sobretudo a visão julgada na região das cores não é nada daquilo, pois não há nenhum nome e conceito na região das cores a não ser o da cor. Tampouco vê a cor dizer ou nominar o não-colorido. E se procuras Deus na região das cores, não encontras nada a não ser aquela cor ótima, isto é, [a cor] que é perfeição e beleza de toda cor, etc.

4 – E o mesmo se dá em relação a todos os sentidos. Portanto, assim como esse olho no centro da visão não possui cor, de modo que é o princípio, meio e fim de toda cor, e o mesmo se diz dos outros sentidos; assim como o sentido comum nada possui dos sentidos particulares, o intelecto nada possui de tudo aquilo que se encontra na região da razão e dos sentidos, para que possua a si mesmo, assim como o olho em relação às cores. Da mesma forma, Deus possui a si mesmo e a todas as criaturas. Portanto, na região de todas as criaturas não encontras Deus nem seu nome, senão segundo a natureza de sua região, isto é, segundo a perfeição última que nessa região é possível. A perfeição intelectual é a mais elevada. Ela denomina a Deus enquanto “puro intelecto”, que é a verdade, e o “puro amor”, que é o bem, e, assim por diante.

5 – Mas este não é o nome de Deus, do modo como foi prestabelecido. Portanto, segundo o obtido por todo intelecto criado, [Deus] é, sobretudo, “nada”²⁶, uma vez que ele não é inteligível pela razão, ou, dito de outro modo, uma vez que essa região não atinge o não-inteligível. E porque toda palavra emana do intelecto, pois é razão – a palavra não é senão o intelecto na razão – assim, Deus é nominado pelo intelecto na razão; de modo que, dado que o intelecto atinge a obra divina no seu céu – segue-se, que ele encontra as virtudes, potências, etc. -, e porque nada da causa primeira aparece nessa região dentre todos os causados, assim ele nomeia Deus na razão como o “nada” altíssimo e perfeito, etc.; assim como nominamos “ourives” ao mais digno artesão que fabrica a partir do ouro e da prata.

²⁶ Thierry de Chartres. *Glossa De Trinitate*, IV, n. 14 (p. 287,7 - 12), ali citando Hilário e Calcídio; Eckhart, *Sermão 71* (D.W.3, p. 211,6): “mit offenen ougen sach er (Saulus) niht, und daz niht was gott, et saepius”; Henrique Suso, *Büchlein der Wahrheit* c.1 (ed. K. Bihlmeyer l.c. p. 328,24 - p. 329,6): “darumb spricht Dionysius ... daz got si nit wesen oder ein niht ... moechte man ime sprechen ein ewiges niht”; ib. c.5 (p. 342,5 - 344,3).

3 - Quid igitur attingit omnis creatura de Deo? Nam in operibus eius attingit ipsum admirabilem, sed ipsum non attingit. Vide: Ubi reperiuntur nomina colorum? Nonne in regione visus? Nam sublato visu non est color. Apud caecum non est color; in omni enim regione, quam caecus attingere potest, non reperit colorem. Est igitur color in regione visus. Sed non attingit omnis color visum; nam visus non est coloratus. Est igitur visus extra omnem regionem coloris; et potius visus iudicatur [p.202] in regione coloris nihil quam aliquid, quia nullum est nomen aut nulla est notitia in regione coloris nisi de colore. Nec sciret color dicere aut nominare non coloratum. Et si quaeritur Deus in regione coloris, tunc non reperitur nisi quid optimum coloris, scilicet ubi est omnis coloris perfectio et pulchritudo etc.

4 - Ita de aliis omnibus sensibus. Sicut igitur ob hoc oculus in centro visus non habet colorem, ut sit omnis coloris principium, medium et finis, et ita de aliis sensibus, sic sensus communis nihil habet sensuum particularium, intellectus nihil habet de omnibus, quae in regione rationis et sensus sunt, ut sit se habens ad ipsa, sicut oculus ad colores. Sic Deus se habet ad omnes creaturas. In regione igitur omnium creaturarum non reperitur Deus nec nomen eius nisi secundum naturam illius regionis, scilicet secundum perfectionem ultimam ibi in illa regione possibilem. Intellectualis autem perfectio est ultima. Illa Deum purum intellectum nominat, hoc est veritatem, et purum affectum, hoc est bonum; et ita de reliquis.

5 - Sed non est aliquod nomen tale Dei, ut ex praehabitis patet. Secundum igitur omnem creatum intellectum Deus potius “nihil”²⁷ est, cum non sit de ratione intellegibilium, quam aliquid, cum regio illa non attingat non intellegibile. Et quia omne verbum ab intellectu emanat, cum sit ratio – verbum enim non est nisi intellectus in ratione –, hinc Deus per intellectum nominatur in ratione; ut, quia intellectus attingit in suo caelo opera divina – reperit scilicet virtutes, potentias etc. –, Deum sic nominat in ratione, quia nihil reperit in regione sua de causatis omnibus a causa priore, nihil altius perfectiusque etc; sicut fabrum, qui ex auro et argento fabricat, aurifabrum dicimus a digniore etc.

²⁷ Theodoricus Carnot. Glossa De Trin.IV n.14 (p.287,7-12), ubi Hilarius et Chalcidius citantur; Eckardus Predigt 71 (D.W.3 p.211,6): mit offenen ougen sach er (Saulus) niht, und daz niht was gott, et saepius; Henr.Suso Büchlein der Wahrheit c.1 (ed. K.Bihlmeyer l.c. p.328,24-p.329,6): darumb sprichet Dionysius ... daz got si nit wesen oder ein niht ... moechte man ime sprechen ein ewiges niht; ib. c.5 (p.342,5-344,3).

6 – Mas, além disso, [o que se segue serve] como recomendação: que, como a visão não atinge senão o colorido, ainda assim, a luz se projetando atinge o não-colorido na visão. Ainda não atinge a luz definitivamente, pois ela não pertence à região colorida. Então, não se sabe o que é a luz, a não ser que é em si mesma delectável e boníssima acima de tudo, pois sem essa luz, nada em sua região pode-se atingir. Portanto, assim como a luz corpórea se faz presente ao olho corporal, assim também a luz espiritual se faz presente ao olho espiritual, ou intelecto, como também diz Agostinho na *Cidade de Deus*, XI, c. 4, e isso não é dito inconvenientemente. Pois a luz espiritual se projeta nas mentes e não é apreendida de maneira definida, e é luz acima da região das apreensões intelectuais, mas de modo tal que, assim como o olho atinge tudo aquilo que é na região da visão, assim também o intelecto [atinge] em sua região das coisas inteligíveis.

7 – Portanto, segue-se claramente que assim como o olho da luz corporal é prodigioso e é inefável ou boníssimo, sem o qual nem seria possível o ver nem algo que é visível, que é a própria luz pela qual e na qual toda visão se faz, assim também a luz intelectual é divina e prodigiosa e inefável ou inominável, boníssima, para além de tudo, pela qual e na qual se faz a intelecção. E essa é a luz da revelação e da graça. Pois, assim como a luz ocular revela as cores e atualiza a visão que estava em potência, assim essa é luz, luz da revelação e da graça revelando as coisas inteligíveis ao nosso intelecto.

8 – E isso é provavelmente aquilo que todos os sábios, profetas e santos insinuam a nós na *Escritura*: de que modo é possível apreensão da revelação do próprio Deus uno. Assim diz Davi: “Tira o véu dos meus olhos: e eu considerarei.”²⁸, porque por nós mesmos nada podemos. E isso é aquilo que viste Salomão dizer naquela passagem citada. Depois de ter presumido nossa ignorância a respeito do nome de Deus e do nome de seu Filho, diz: “Toda a palavra de Deus é purificada pelo fogo: ele é um escudo para os que nele esperam: não acrescentes nada às suas palavras, para não seres por isso repreendido e considerado mentiroso”²⁹.

9 – Portanto, digamos a partir de todos os santos: “Sem essa luz, nada há no ser humano”³⁰ que possibilite obter algo da vida em sua região. Pois ver para o olho significa viver. E assim, o entender para o intelecto é viver. Portanto, não vive o intelecto quando carece dessa luz. Porque esta é toda a tradição de todos os sábios, que reconhecemos que nós não podemos, a partir de nossa própria presunção, viver pela vida intelectual, e que somos instruídos, pelos exemplos da queda do anjo Lúcifer e do homem Adão, que aquela luz não provém da graça, mas por presunção, eles se jactam querendo ser iguais ao Altíssimo, ele que é o único a não carecer de outro.

²⁸ Sl. 119:18. Cf. Trad. modificada da *Vulgata* de Antônio Pereira de Figueiredo.

²⁹ Pv. 30. Cf. Trad. da *Vulgata* de Antônio Pereira de Figueiredo.

³⁰ Na sequência da festa de Pentecostes: “*Sine tuo numine nihil est in homine*”.

6 - Sed adhuc advertendum, quod sicut visus non attingit nisi coloratum, attingit tamen lumen se ingerens in visum non coloratum. Non tamen attingit definitive lumen, cum non sit de regione coloris. Nescit enim, quid sit lumen, licet sit [sibi] delectabile et gratissimum supra omnia, cum sine illo lumine nihil in sua regione attingere possit. Sicut igitur lumen corporale se habet ad oculum corporalem, ita spirituale lumen ad oculum spirituales, scilicet intellectum, ut Augustinus etiam dicit XI De civitate c. [40] hoc non inconvenienter dici. Nam ingerit se hoc lumen spirituale mentibus, et non apprehenditur definitive, et est lumen extra regionem intellectualium apprehensionum, sed tale, in quo, sicut oculus attingit omnia, quae in regione visus sunt, sic intellectus omnia suae regionis intellegibilia.

7 - Sic igitur patet, quod sicut oculo lumen corporale est admirabile et ei ineffabile, sed gratissimum, sine quo nec videre potest nec quidquam visibile est, ut sit lumen ipsum, per quod et in quo fit omnis visio, sic lumen intellectuale est divinum et admirabile et ineffabile seu innominabile, gratissimum super omnia, per quod et in quo fit intellectio. Et hoc est lumen revelationis et gratiae. Nam sicut lumen oculis revelat colores et ponit visum in actu, qui erat in potentia, sic hoc lumen est lumen revelationis et gratiae revelans intellectui nostro intellegibilia.

8 - Et hoc est fortassis, quod omnes sapientes, prophetae et sancti nobis in Scripturis insinuant, quo modo revelatione ipsius Dei solum apprehensio est possibilis. Hinc ait David: «Revela oculos meos! Et considerabo»³¹ etc., quoniam ex nobis nihil possumus. Et hoc est, quod Salomon videtur dicere in allegato loco. Postquam ignorantiam nostram nominis Dei et Filii eius praemisit, dicit: «Omnis sermo Dei ignitus clipeus est sperantibus in se. Ne addas quidquam verbis eius et arguaris inveniariusque mendax!»³²

9 - Docemur igitur ab omnibus sanctis «sine illo lumine nihil esse in homine»³³, quo possit quidquam vitae habere in regione sua. Nam videre oculo est vivere. Sic «intellegere intellectui est vivere». Non igitur vivit intellectus, quando hoc lumine caret. Quare haec est omnis omnium sapientium traditio, ut cognoscamus <nos> ex nostra praesumptione non posse vivere vita intellectuali, ut docemur per exempla casus Luciferi angeli et hominis Adae, qui hoc lumen non ex gratia, sed praesumptione se habere iactabant volentes similes esse Altissimo, qui solum alio non indiget.

³¹ (Ps. 118,18.)

³² (Prov. 30,5sq.)

³³ In Sequentia festi Pentecostes: Sine tuo numine nihil est in homine.

10 – E, a partir da humildade, somos conduzidos cientes de que toda a revelação e vida são dadas através da graça que nós a obtemos. Assim, Salomão, a quem Deus revelou isso, a saber, que a Sapiência se dá mediante a graça, nada diz do modo que se-lha adquire, a não ser que a mesma deve ser diligentemente buscada pelo amor e pela prece, assim como ele mesmo pediu: “Dá-me a sabedoria sediada junto a ti”³⁴, etc. Isso prova no segundo provérbio, isto é, de que modo deve-se pedir com maior avidez para que busque a salvação. E assim se dá porque a Sapiência pertence a Deus e de “sua boca procede o conhecimento”³⁵. Pois, “toda Sapiência pertence a Deus”³⁶, etc. “Envia tua luz e tua verdade, estas me conduzirão”³⁷.

11 – E o mesmo vemos a partir da tradição das revelações da *Sagrada Literatura* em outras passagens acerca do nome de Deus, a respeito do nome *Tetragramaton* e de outros nomes divinos; E não há senão um nome acima da região intelectual, isto é, *Jehova*³⁸, que não é da região intelectual, porque não-inteligível, nem mesmo significa Deus segundo alguma razão, mas de modo que existe causa de todas as razões e inteligências. Sobre isso, discuto em outro lugar³⁹.

12 – Há outros nomes divinos, mas da região intelectual, que nos são explicados por intelectos vigorosos que iluminam para os demais pela santidade das luzes da revelação, que são os Nomes Divinos, sobre os quais trata São Jerônimo nas *Cartas*⁴⁰, etc. Outros são os nomes dos sábios Caldeus, Gregos, Egípcios, de nações de línguas pagãs; outros de qualquer homem devoto que, de maneira variada, nomeia Deus, etc. E, sobre isso, trato em outro lugar⁴¹. E isto [é suficiente] sobre o primeiro assunto.

13 – b) Dos nomes das criaturas e do nome de Deus. Em segundo lugar dos nomes das criaturas.

O conhecimento é a causa dos nomes: o conhecimento provém do intelecto. O movimento da razão impõe os nomes. E considerando que, assim como a luz é a causa das cores – pois a luz não é senão a determinação da luz no diáfano -, assim também a graça divina é a causa das coisas, motivo pelo qual Paulo se dizia que isso é o que era. E o beato Agostinho, no *Livro II* do *Livre Arbítrio* diz, de que modo a alma obtém a verdade imutável a partir do alto por aquele preside, sendo ela formada no interior.

³⁴ Sb. 9:4.

³⁵ Pv. 2: 6.

³⁶ Ec. 1:1.

³⁷ Sl. 42:3. Cf. Trad. da *Vulgata* de Antônio Pereira de Figueiredo.

³⁸ Sobre essa pronúncia: Raymundus Martini Pugio fidei pars 2 c.3 (sec. ed. cit. p. 448) primus refert.

³⁹ *De docta ignorantia*, Livro I, cap. XXIV. Nota dos Trads.

⁴⁰ São Jerônimo. *Epistulae*, 2, 24, *Ad eadem Marcellam. De decem nominibus dei*. Nota dos Trads.

⁴¹ *De docta ignorantia*, Livro I, caps. XXIV e XXV. Nota dos trads.

14 – Portanto, os nomes de todas as coisas não são senão determinações do nome de Deus, pois a criatura não é algo a partir de si. Desse modo, é patente que a criatura, para que é a partir de si, não possui nome a não ser nenhum nome; e que ela é a partir de Deus, não possui nome a não ser o nome de Deus, assim como o filho do homem é chamado homem.

10 - Et ad humiliationem deducamur scientes omnem revelationem seu vitam dari gratuite, ut illam impetremus. Ita Salomon, cui Deus haec revelavit, scilicet quod sapientia habetur ex gratia, non aliud docuit de modo ipsam acquirendi nisi, quod ipsa diligenter inquiratur per amorem et petatur, sicut et ipse petiit: «Mitte mihi sedium tuarum assistricem sapientiam!»⁴², etc. Hoc in 2o c. Parabolarum probat, quo modo scilicet debet quaeri cum aviditate maiore, ut pecunia quaeritur. Et tunc dabitur, quia a Deo est sapientia, et de «ore eius prudentia procedit»⁴³. Nam «omnis sapientia a Domino Deo est»⁴⁴ etc. «Emitte lucem et veritatem tuam. Ipsa me deduxerunt»⁴⁵ etc.

11 - Et sic scimus ex traditione Sacrarum Litterarum revelationes aliquas circa nomen Dei, ut de nomine Tetragrammaton et aliis divinis nominibus; et non est nisi unum nomen supra regionem intellectualem, scilicet «Jehova»⁴⁶, quod non est de regione intellectuali, quia non intellegitur, neque ipsum significat Deum secundum aliquam rationem, sed ut omnis rationis et intellegentiae causa existit etc; de quo alibi.

12 - Alia sunt nomina divina, sed de regione intellectuali, quorum aliqua sunt nobis explicata per vigorosos intellectus, qui sanctitate luminis revelationis prae ceteris claruerunt, ut sunt nomina Dei, de quibus sanctus Hieronymus in epistula etc. Alia sunt nomina sapientium Chaldaeorum, Graecorum, Aegyptiorum, paganorum nationum linguarum; alia uniuscuiusque devoti viri, qui Deum varie nominat etc. Et de hoc alibi. Et hoc de prima primae.

13 - b) De nominibus creaturarum et de nomine Dei. Secunda de nomine creaturarum.

Notitia est nominis causa; notitia ex intellectu est; motus rationis imponit nomina. Et considerandum, quod sicut lumen est causa colorum – nam color non est nisi terminus lucis in diaphano –, ita gratia divina est causa rerum, per quam Paulus aiebat se id esse, quod erat. Et beatus Augustinus II De libero arbitrio dicit, quo modo anima quadam immutabili veritate desuper praesidente, interius manente formatur illa.

14 - Non est igitur nomen omnis rei nisi terminus nomibvnis Dei; nam creatura non est quidquam ex se. Tunc patet, quod creatura, ut est ex se, non habet nomen nisi nihili nomen; et ut est ex Deo, non habet nomen nisi Dei nomen, sicut filius hominis homo nominatur.

⁴² (Sap. 9,4.)

⁴³ (Prov. 2,6.)

⁴⁴ (Eccli. 1,1.)

⁴⁵ (Ps. 42,3.)

⁴⁶ Hanc pronuntiationem Raymundus Martini Pugio fidei pars 2 c.3 (sec. ed. cit. p.448) primus refert.

Mas a diversidade de determinações da luz da graça é a causa da variação das criaturas a partir da luz da unidade. Logo, a criatura recebe um nome distinto a partir de uma certa razão, que a distingue uma criatura de outra.

15 – A partir disso, a criatura não é nomeável á onde não há diversidade das criaturas, como no caso da luz. Nem é nomeável o que está fora desta luz porque, fora dela, é nada. Nem é nomeável a partir do termo, isto é, de modo que seja determinada a luz, porque nem a luz é determinável em algo fora de si, pois nada existe fora dela, nem é determinada em si, pois o termo não é determinação. E, a partir disso, qualquer criatura não é compreensível como ela é.

16 – Porque a sua nominação se dá a partir da razão derivada de uma operação diversa e dela se eleva à virtualidade da coisa, e à própria coisa que não se apreende como ela é, mas na operação que dela emana, nomeando-a segundo a razão da operação ou outra razão discretiva. E compreendas que é partir disso [que se explica] que a variação de nome de uma mesma coisa se dá segundo a variação do movimento da razão. E [compreendas] que o verdadeiro nome é inefável; e que todos os nomes impostos pelo movimento da razão são *explicações* com certa similitude para com verdadeiro nome das coisas, que não atingimos na região racional.

17 – Portanto, ninguém poderia saber o que ele é ou qual é seu nome, a não ser na luz da sua glória e sua felicidade última. E, assim, somente aquele “que vencesse”⁴⁷ saberia seu nome, que seria para si “novo”⁴⁸ e se lhe será manifesto, e que será tal que a “boca” do homem nunca o nomeou”⁴⁹. E assim fica claro de que modo os danados nunca conhecerão o seu nome. E o intelecto morrerá: porque a vida, que é inteligir, ele perderá. E isto foi escrito “no livro da vida”⁵⁰: que Deus possui um nome e que em Deus vive o conhecimento dele, o qual Deus conhece pelo nome, assim como ‘Moisés’ está escrito “no livro da vida”⁵¹: Deus diz que se conhece pelo nome⁵², etc. O terceiro assunto é o nome de Jesus. E esse é o nome atribuído pelo anjo, isto é, pelo intelecto na região da razão, porque “salvou o seu povo”⁵³. Isaías diz que, “a boca do Senhor”⁵⁴ nomeou. E o evangelista diz que é “o anjo”⁵⁵. E, daí, estabelece-se uma relação entre “anjo” e “boca do Senhor”, porque a razão não fala de Deus a não ser pelo intelecto. Portanto, a partir dessa razão, a saber que é a obra da salvação⁵⁶, “Jesus” foi dito a criança “que nasceu em Belém”⁵⁷; sobre o qual, vide em outro lugar. Sobre o “livro da vida”, ver: *Apocalipse*, 3, 13 e 20.

⁴⁷ Ap. 2:11; 3:5; 12:21; 21:7.

⁴⁸ Is. 62:2. Cf. Trad. da *Vulgata* de Antônio Pereira de Figueiredo.

⁴⁹ Is. 62:2.

⁵⁰ Ap. 3:5; 13:8; 20:12; 21:27.

⁵¹ Apoc. 3,5; 13,8; 20,12.15; 21,27.

⁵² Ex. 33.

⁵³ Mt. 1:21.

⁵⁴ Is. 62:12.

⁵⁵ Is. 62:12.

⁵⁶ Mt. 2:1.

⁵⁷ Mt. 2:1.

Sed diversitas terminationis luminis gratiae est causa variationis creaturarum ex unitate lucis. Tunc creatura sortitur nomen discretivum per aliquam rationem, qua discernitur una creatura ab alia.

15 - Unde non est creatura nominabilis ibi, ubi non est creaturarum diversitas, scilicet in lumine. Nec est nominabilis, ut est extra hoc lumen, quia extra ipsum nihil est. Neque est nominabilis ex termino, ubi scilicet terminatur lux illa, quia nec lux est terminabilis in aliquo extra se, cum nihil sit extra ipsam, nec in se terminatur, cum termini non sit terminus. Unde non est comprehensibilis aliqua creatura, uti est.

16 - Quare nominatio eius est ex ratione deprehendente operationem diversam et de illa se ad virtutem rei elevante[m] et ipsam rem quam non apprehendit, uti est, sed in operatione, quae ab ipsa emanat, nominando secundum rationem operis aut aliam rationem discretivam. Et scias ex hoc esse, quod secundum varietatem motus rationis est variatio nominis eiusdem rei. Et verum nomen ineffabile est; et omnia nomina rationis motu imposita sunt explicantia in aliqua similitudine verum nomen rei, quod non attingimus in rationali regione.

17 - Nemo igitur poterit scire, quid sit aut quod nomen eius, nisi in lumine gloriae et felicitatis suae ultimae. Et sic solum ille, «qui vicerit»⁵⁸, sciet nomen suum, quod erit [sibi] «novum»⁵⁹ e manifestabitur [sibi] et erit tale, quod «os»⁶⁰ hominis numquam «nominavit»⁶¹. Et ita patet, quo modo damnati numquam scient nomen suum. Et moritur intellectus, quia vitam, quae est intellegere, perdet etc. Et hic est scriptus «in libro vitae»⁶², qui habet nomen, et in Deo vivit notitia eius, quem Deus ex nomine noscit, sicut Moysen scriptum «in libro vitae»⁶³ Deus dicit se noscere ex nomine (Exod.33o). Etc. Tertium est nomen Jesus. Et hoc est nomen impositum ab angelo, hoc est intellectu in regione rationis, quia «salvum faciet populum»⁶⁴ etc. Dicit Isaias, quod «os Domini nominavit»⁶⁵ hoc nomen. Et Evangelista dicit, quod «angelus»⁶⁶. Unde collige «angelum»⁶⁷ «os Domini»⁶⁸, quia non loquitur Deus rationi nisi per intellectum. Ex ratione igitur illa, quae est ex opere salvationis, «Jesus»⁶⁹ dictus est puer «natus in Bethlehem»⁷⁰; de quo vide alibi. Nota de libro vitae Apocalypsim 3o et 13o et 20o.

⁵⁸ Apoc. 2,11; 3,5.12.21; 21,7.

⁵⁹ Is. 62,2.

⁶⁰ Is. 62,2.

⁶¹ Is. 62,2.

⁶² Apoc. 3,5; 13,8; 20,12.15; 21,27.

⁶³ Apoc. 3,5; 13,8; 20,12.15; 21,27.

⁶⁴ Matth. 1,21.

⁶⁵ Is. 62,2.

⁶⁶ Is. 62,2.

⁶⁷ Is. 62,2.

⁶⁸ Is. 62,2.

⁶⁹ Matth. 2,1.

⁷⁰ Matth. 2,1.

18 – Disso, apreendas o mistério de que o modo os anjos não possuem senão os nomes que ressoam como determinações da luz: “Michael”⁷¹, como “fortaleza de Deus” “Gabriel”⁷², Raphael”⁷³, etc., isto é, onde reluz a luz no termo “fortaleza de Deus”⁷⁴, ou no termo “salvação”, segundo a interpretação desses nomes. E não se encontra que esses nomes sejam [nomes] dos espíritos intelectuais a não ser quando são determinações da luz divina segundo a região intelectual; e assim também no que se refere às outras coisas em sua [respectiva] região.

19 – Quanto ao modo [que se opera] na matemática, o nome ‘figura’ é escolhido a partir da determinação da superfície: triângulo, tetraedro, hexágono, etc., porque o número de ângulos é limitado. Assim como ‘ouro’ é diferentemente nomeado em diferentes figuras, pois é nomeado cálice, candelabro, taça, anel, etc. Assim, é conveniente que a luz divina seja uma e nomeada diferentemente por diferentes termos. Desse modo, aquele que sabe que o candelabro é feito de ouro o denomina ‘candelabro áureo’.

20 – E, a quem sabe que as cores do arco-íris são provenientes da determinação da luz solar, é possível nomear cada cor do arco-íris e defini-la como ‘cor lúcida’. E este segundo exemplo é mais apropriado. Da mesma forma, quem soubesse o que seja a criatura a nomearia segundo este nome. Mas, porque o nome de Deus, do qual provêm todas as coisas, é ignorado, é necessário que se ignore o nome da criatura, porque [a mesma] é similitude do nome de Deus.

21 – A partir disso, concebias, de que modo o homem deve buscar a Deus no seu nome, para que encontre seu nome verdadeiro. Pois, deve-se tolher todas as determinações, aquelas figurações de seu nome, e, dentro de si, encontrar a luz, assim como disse Dionísio, ascender mediante a remoção, assim como fazem os que buscam uma colher num pedaço de madeira. Eles tolhem as determinações nas quais a matéria da madeira é determinada, até que devesse a forma desejada. E, então, aquilo que viu o intelecto na madeira pela fé, antes de estar no sentido, é tornado presente no sentido. Assim, nesse mundo, nós que buscamos Deus pela razão, tolhemos tudo, para que Deus, que é presente pela nossa fé, ao invés de ser buscado pela razão, seja feito presente aos olhos do intelecto.

22 – Mas, não podemos alcançar a pura luz não-mista por quaisquer ascensões e abstrações, do mesmo modo que não se pode alcançar a forma da estátua na madeira que primeiramente se vê no intelecto, mediante qualquer remoção no conceito do intelecto, pois sempre resta algo da mesma que deveria remover e ainda não tolheu, para alcançar o puro conceito tal como é. Uma vez que não se pode intuir a Deus nesta vida⁷⁵, Deus se revelou ao suplicante Moisés para que ele visse sua face, etc.

⁷¹ Cf. Hugo de Strasburgo. *Compendium theologiae veritatis*. II c.20 (ed. Borgnet 34,56b).

⁷² São Jerônimo. *Liber interpretationis nominum Hebraicorum*. (CCSL 72 p.140): “Gabriel...fortitudo dei vel virtus mea deus”; Isidorus Hisp. *Etymologia*, VII c.5 §10-11.

⁷³ Isidorus (l.cit. §13): “Raphael interpretatur curatio vel medicina Dei”; *Glossa ordin.in. Tob. 3,25* (l.cit. col.1518): “Raphael medicina Dei”.

⁷⁴ Em referência a “Michael”. Cf. Hugo de Strasburgo. *Compendium theologiae veritatis* II c.20 (ed. Borgnet 34,56b).

⁷⁵ Ex. 33.

18 - Unde ex hoc collige mysterium, quo modo angeli non habent nisi nomina, quae sonant terminum lucis, scilicet «Michael»⁷⁶, quasi «fortitudo Dei»⁷⁷: «Gabriel»⁷⁸, «Raphael»⁷⁹ etc, hoc est, ubi relucet lumen illud in termino fortitudinis aut in termino salutis secundum interpretationem nominum illorum. Et non reperiuntur nomina esse intellectualium spirituum nisi quaedam terminationes lucis divinae secundum regionem intellectualem; sic etiam de aliis in sua regione.

19 - Quem ad modum in mathematicis ex terminatione superficiei figura nomen sortitur: trigona, tetragona, hexagona etc, quia tot angulis clauditur. Sicut etiam aurum varie terminatum in figuris varie nominatur; nam nominatur calix, nominatur candelabrum, scyphus, anulus etc. Sic etiam divinum lumen, licet sit unum, ex termino vario varie nominatur. Ille autem, qui scit, quod candelabrum illud est ex auro, nominat candelabrum aureum.

20 - Et qui scit colorem iridis ex termino lucis solaris esse, potest nominare et definire colorem iridis esse colorem lucidum. Et hoc secundum est propius exemplum. Sic, qui sciret, unde esset creatura, ille secundum hoc nomen imponeret. Sed quamdiu ignoratur nomen Dei, a quo omnia, necesse est et ignorare nomen creaturae, quod est similitudo nominis Dei.

21 - Ex hoc elicias, quo modo homo in nomine suo quaerere debet Deum, ut inveniatur nomen suum verum. Nam tollere debet omnes terminationes, quas figurat nomen suum, et intra se reperiet lumen, sicut Dionysius docet per ablationes ascendere, sicut faciunt quaerentes coclear in ligno: Tollunt terminos, in quibus terminatur materia ligni, quousque deveniatur ad formam quaesitam. Et tunc id, quod vidit intellectus per fidem in ligno, antequam esset in sensu, factum est praesens sensui. Sic in hoc mundo per rationem Deum quaerentes tollimus omnia, ut Deum, qui per fidem nobis praesens est, antequam quaeratur ratione, fiat etiam praesens oculo intellectus.

22 - Sed non possumus ad purum lumen impermixtum per quemcumque ascensum et abstractionem pervenire, sicut non potest statuarius in ligno formam, quam prius vidit per conceptum in intellectu, per quamcumque ablationem pertingere, quin remaneat semper aliquid de eo, quod auferre deberet et nondum abstulit, ut ad purum conceptum, uti est, deveniat. Unde in hac vita Deum non posse intueri Ex odi 33o Deus Moysi oranti, ut eius faciem videret, revelavit etc.

⁷⁶ cf. Hugo Argent. Comp.theol.ver.II c.20 (ed. Borgnet 34,56b).

⁷⁷ cf. Hugo Argent. Comp.theol.ver.II c.20 (ed. Borgnet 34,56b).

⁷⁸ Hieronymus Lib.interpret.nom.Hebr. (CCSL 72 p.140): Gabriel...fortitudo dei vel virtus mea deus; Isidorus Hisp. Etym. VII c.5 §10-11.

⁷⁹ Isidorus (l.cit. §13): Raphael interpretatur curatio vel medicina Dei; Glossa ordin.in. Tob. 3,25 (l.cit. col.1518): Raphael medicina Dei.

23 – Portanto, possuímos o modo pelo qual podemos ser guiados àquele local em que está o rei dos Judeus⁸⁰, na luz da graça, ou na luz revelada, ou na luz das estrelas, caso diligentemente percorrermos [o caminho] e buscarmos. Mas, o mesmo, em sua pureza, tal como é, não alcançamos, a não ser que a luz nos conduza a Jesus, de modo que atinjamos o rei na criança. Pois, se lermos o divino Dionísio, [veremos] aquelas ascensões manifestas e, depois, somos remetidos a Jesus, que é “Esplendor”⁸¹ do Pai, etc., que, mediante o esplendor, encontramos em Jesus, segundo nossa comum humanidade; somos salvos atingindo pelo rei da glória no homem criança em aparência, o rei neste mundo secular da alteridade.

24 – c) Sobre o nome Jesus.

Em terceiro lugar, isto é, sobre o nome “Jesus”⁸², deve-se, agora, considerar de que modo se realizam em Jesus, no nome ou no seu conhecimento, toda a impossibilidade e defeito, fraqueza e ignorância. Uma vez que, a nós, Jesus a si mesmo fez notar no seu nome, como Salvador, então, aí encontramos a revelação para todo o desejado.

25 - Além disso, somos conduzidos tanto a Jesus quanto a si mesmo, lá encontramos o que se encontra na nossa natureza, conduzida a toda suficiência ou perfeição, bem como a própria altitude. Pois, a luz que em nossa natureza encontramos em Jesus não é a luz refratária refletida no inteligível, mas é aparição da luz na qual apreendemos a própria luz “acima de toda potestades, virtudes” e todos os habitantes das regiões intelectuais. Pois o esplendor não é outro senão Jesus, porque é a figura e a substância do Pai⁸³ e sua luz na hipóstase viva e verdadeira.

26 – E sobre as iluminações de Jesus, as quais procederiam a partir de si mesmo, como exemplar com maestria, elas não são da região mundana, mas da região do Pai e da eternidade, pela qual fomos conduzidos para que aprendamos a comungar em seu nome, porque não efluiu na sua obra a não ser a salvação e, por esta razão, é propriamente chamado de Salvador e seu nome é Jesus. E esse é o nome acima de todo nome terrestre, celeste e infernal⁸⁴. E não há outro nome em que há salvação⁸⁵.

27 – Portanto, nota-se que Jesus é a medicina e o médico, em quem podemos alcançar em nossa região, porque o ser humano é a criatura na qual apreendemos na quietude, porque Deus através de “Jesus” é dito pela salvação que pertence ao criador⁸⁶. Ela é, pois, o salvar, cujo ser é dar-se. E não seria o Salvador, caso fosse Imparticipável acima de nossa natureza, pois [a ele] não poderíamos aderir.

⁸⁰ Mt. 22.

⁸¹ Hb. 1:3.

⁸² Lc. 2:11.

⁸³ Hb. 1:3.

⁸⁴ Fp. 2:9-10.

⁸⁵ At. 4:12.

⁸⁶ Mt. 1:21.

23 - Habemus igitur, quo modo in lumine gratiae seu lumine revelato seu in luce stellae, si diligenter ambulaverimus et quaesiverimus, poterimus ad aliquem locum perducere, «ubi est rex Judaeorum»⁸⁷. Sed ipsum in puritate, uti est, non invenimus, sed ducit nos lumen ad Jesum, ut in puero regem attingamus. Nam si legimus divinum Dionysium has ascensiones aperientem, tunc remittimur ad Jesum, qui est «Splendor»⁸⁸ Patris etc, ut medio splendoris, quem in Jesu nobis secundum humanitatem communi reperimus, salvemur attingentes in puero, regem gloriae, hoc est attingentes in homine puero nondum apparente rege in hoc mundo regem saeculi alterius.

24 - c) De nomine «Jesus»

De tertio, scilicet de nomine «Jesus»⁸⁹, est nunc considerandum, quo modo omnis impossibilitas et defectus, infirmitas et ignorantia in Jesu et in nomine seu notitia eius adimplentur. Nam si ipse Jesus nobis innotescit in nomine, quia Salvator, tunc haec est ostensio, ubi reperimus omne desideratum.

25 - Ducimur autem ad Jesum tamquam ad ipsum, ubi in nostra natura reperimus omnem sufficientiam seu perfectionem ad altitudinem deductam. Nam lumen, quod in nostra natura in Jesu reperimus, non est lumen refractum intellegibilia refrenans, sed est ostensio lucis, in quo et ipsam lucem «supra omnem potestatem, virtutem» atque omnes inhabitatores intellectualis regionis apprehendimus. Non enim «splendor»⁹⁰ est alius Jesus quam Patris «et figura substantiae eius»⁹¹ et ipsa lux in hypostasi viva et vera.

26 - Et ob hoc illuminationes Jesu, quae ab ipso ut exemplari et magistro processerunt, non sunt de regione mundi huius, sed de regione Patris et aeternitatis, per [quae] ducti sumus ut apprehendamus hoc nomen [sibi] competere, quia non effluxit in opere eius nisi salvatio, ac quod eapropter ipse sit Salvator et eius nomen Jesus. Et hoc est «nomen supra omne nomen caelestium, terrestrium et infernorum»⁹². «Neque est aliud nomen, in quo»⁹³ est «salus»⁹⁴.

27 - Reperitur igitur Jesus medicina et medicus, ad quem pertingere possumus in regione nostra, [p.211] quia homo et creatura, in quo apprehendimus nos in quiete, quia Deus et ob hoc «Jesus»⁹⁵ dicitur a salvatione, quae est Creatoris. Illius enim est salvare, cuius est dare esse. Et non esset Salvator, si esset extra naturam nostram nobis imparticipabilis, cui adhaerere non possemus.

⁸⁷ Matth. 2,2.

⁸⁸ Hebr. 1,3.

⁸⁹ Luc. 2,21.

⁹⁰ Hebr. 1,3.

⁹¹ Hebr. 1,3.

⁹² Phil. 2,9-10.

⁹³ Act. 4,12.

⁹⁴ Act. 4,12.

⁹⁵ Matth. 1,21.

28 – “Jesus”⁹⁶, portanto, é o nome do Salvador que nos salva eternamente, porque ele disse que, em sua força que é nome, é Deus e homem, criador e criatura. Portanto, aquele que é sedento por apreender a sapiência, como os magos, e a inquire diligentemente, será conduzido a Jesus, pela luz da graça, para que alcance o mediador, sem o qual a natureza daqueles que buscam seria incapaz da glória buscada.

29 – Ademais, saibas que aquele nome *Tetragramaton* é dito talvez “inefável”⁹⁷, porque não é senão unidade de todas as vozes. Pois, se consideras retamente, também *Jehova* não é senão uma coleção de todas as vogais em unidade. *Ioth, He, Vau, He* são quatro letras. E se diz *Tetragramaton* devido às “quatro letras”⁹⁸. Entretanto, [Deus] não é expresso por aquelas letras, mas [as mesmas] são centrais para expressão, as quais pelas quatro vogais, isto é, “i”, “e”, “o”, “a”. Na letra *Vau* é notada a expressão do “o”, ainda que a mesma seja “v”. Com efeito, as letras “o” e “v” coincidem na raiz das vogais. Por isso, no alfabeto grego não se encontra o “v” e no Hebraico não se encontra o “o”. E o que tens, segundo os Latinos, no nome “*Jehova*”⁹⁹ não é senão todas as vogais: “h”, desta forma, não é letra. Portanto, seu nome é “inefável” porque complica todas as vogais em si. Portanto, observas o mesmo na língua grega, na hebraica e no latim, não há outro senão aquele nome que complica tudo em si pelo qual é formado o verbo pela vogal. Portanto, [seu nome] é a forma dos verbos. A partir disso, é forma sem a qual o verbo vocal não pode ser feito; verdadeiramente, sem vogal, não se faz um verbo. A partir disso, é o Verbo de Deus, isto é, o Verbo pelo qual e no qual se dão todos os verbos.

30 – “Jesus”, portanto, é denominado em Hebraico “*Jesua*”¹⁰⁰. E é o Verbo de Deus, segundo a *Santa letra*, que diz “sem”¹⁰¹ e que é interpretado [como] “sem pronúncia”, pois é o verbo pronunciado de Deus. E, ainda, é o verbo de Deus pronunciado no qual “todas as coisas são feitas”¹⁰². E, ainda: “disse”¹⁰³, e “foi feito”¹⁰⁴. Portanto, o que é “Jesus” senão complemento do Verbo pronunciado, ou salvação e perfeição? Nota isso! E isto nomeou a boca do “Senhor”¹⁰⁵, este nome, como disse o profeta Isaías. Mas Deus fala pelo intelecto e o intelecto pela razão e a razão pelos sentidos, etc.

⁹⁶ Fp. 3: 20; Tt. 1: 4; 2: 10-13; 3: 4, 6; Jd. 25; II Pe. 1:11; 3:18.

⁹⁷ Mestre Eckhart. *Expositio libri Exodi* (20,7) (Latin Werke, 2 n. 146 p. 131, 9-11): “*Nomen autem tetragrammaton, id est quattuor litterarum, quodcumque sit illud ..., absconditum est et secretum, et ipsum est nomen domini ineffabile.*” cf. ib. n.148 (p. 133, 15, sq.): como se lê na Glosa (*Glossa ordin.in h.l.*): “*ibidem, significatur ineffabile nomen quattuor litterarum*”.

⁹⁸ Mestre Eckhart. *Expositio libri Exodi* (20,7).

⁹⁹ Sobre essa pronúncia: Raymundus Martini Pugio, *Fidei pars*, c.3 (sec. ed. cit. p. 448).

¹⁰⁰ O nome Hebraico primeiramente foi “Jehôšua”, depois “Jêšua”, que a Septuaginta denomina “Ἰησοῦς redivivo”. Ver: Foerster: ThWB NT III (Stuttg.1938) 284-287.

¹⁰¹ O nome “*Iesu*”, de fato, vem da raíz “js”, que, em Hebraico, significa “auxílio” ou “salvação”.

¹⁰² Gn. 1: 6, sq; 14, sq; 24.

¹⁰³ Cf. Jo. 1:1-3.

¹⁰⁴ Sl. 32:9; 148:5.

¹⁰⁵ Is. 62:2.

28 - «Jesus»¹⁰⁶ igitur est nomen Salvatoris salvantis nos aeternaliter; quod dicit insua virtute eum, cuius est nomen, Deum esse et hominem, Creatorem et creaturam. Qui igitur sitit apprehendere sapientiam, uti magi, et illam diligenter inquirat, ducitur lumine gratiae ad Jesum, ut ad mediatorem perveniat, sine quo incapax esset natura quaerentis quaesitae gloriae.

29 - Scias autem, quod hoc nomen Tetragrammaton dicitur «ineffabile»¹⁰⁷ forte, quia non est nisi unitas omnis vocis. Nam, si recte consideras, tunc non est Jehova nisi collectio vocalium in unitate. Ioth, He, Vau, He sunt quattuor litterae. Et dicitur Tetragrammaton quasi «quattuor litterarum»¹⁰⁸. Non tamen exprimitur per illas litteras, sed sunt puncta expressionis, quae signantur quattuor vocalium, scilicet i, e, o, a. Et in Vau littera est nota expressionis de o, licet ipsa sit v. Nam o et v vocales coincidunt in radice vocalitatis. Hinc in alphabeto Graeco non reperitur v, et in alphabeto Hebraeo non reperitur o. Et ita habes secundum Latinos in nomine «Jehova»¹⁰⁹ non esse nisi vocalitatem omnem; h enim non est littera. «Ineffabile» igitur est hoc nomen, quod omnem [p.212] vocalitatem in se complicat. Sive igitur ad Graecam sive Hebraeam sive Latinam linguam respicis, non aliud habet hoc nomen, quam quod in se complicat omnia, per quae verbum vocale formatur. Est igitur forma verborum. Unde est forma, sine qua non potest verbum vocale fieri; sine enim vocali non fit verbum. Unde est verbum Dei, scilicet Verbum, per quod omne verbum et in quo omne verbum.

30 - «Jesus»¹¹⁰ autem vocatur Hebraice «Jesua»¹¹¹. Et est verbum Dei cum sancta littera, quae dicitur «sin.»¹¹²; et interpretatur «sin»¹¹³ «elocutio»¹¹⁴ quasi verbum Dei elocutum. Est igitur Jesua seu Jesus Verbum Dei elocutum. Verbum autem Dei elocutum est, in quo «omnia sunt facta»¹¹⁵: «Dixit»¹¹⁶ enim «et facta sunt»¹¹⁷. Quid igitur «Jesus»¹¹⁸ nisi complementum verbi elocuti seu salvatio et perfectio? Quod nota! Et hinc «os Domini nominavit»¹¹⁹ hoc nomen,

¹⁰⁶ (Phil. 3,20; Tit. 1,4; 2,10.13; 3,4.6; Judae 25; II Petr. 1,11; 3,18.)

¹⁰⁷ Eckardus Expos. 1.Exod.(20,7) (Lat.W.2 n.146 p.131,9-11): Nomen autem tetragrammaton, id est quattuor litterarum, quodcumque sit illud ..., absconditum est et secretum, et ipsum est nomen domini ineffabile. cf. ib. n.148 (p.133, 15sq.): ut ait Glossa (Glossa ordin.in h.l.) ibidem, significatur ineffabile nomen quattuor litterarum.

¹⁰⁸ Eckardus Expos. 1.Exod.(20,7) (Lat.W.2 n.146 p.131,9-11): Nomen autem tetragrammaton, id est quattuor litterarum, quodcumque sit illud ..., absconditum est et secretum, et ipsum est nomen domini ineffabile.

¹⁰⁹ Hanc pronuntiationem Raymundus Martini Pugio fidei pars c.3 (sec. ed. cit. p.448) primus refert.

¹¹⁰ Nomen Hebraicum primo fuit Jehôšûa', deinde Jêšûa', quod Septuaginta voce Ἰησοῦς reddidit, v.Foerster: ThWB NT III (Stuttg.1938) 284-287.

¹¹¹ Nomen Hebraicum primo fuit Jehôšûa', deinde Jêšûa', quod Septuaginta voce Ἰησοῦς reddidit, v.Foerster: ThWB NT III (Stuttg.1938) 284-287.

¹¹² In nomine Iesu revera ex radice js', quae Hebraice auxilium sive salutem dixit, restat

¹¹³ In nomine Iesu revera ex radice js', quae Hebraice auxilium sive salutem dixit, restat.

¹¹⁴ In nomine Iesu revera ex radice js', quae Hebraice auxilium sive salutem dixit, restat.

¹¹⁵ Gen. 1,6sq.14sq.24.

¹¹⁶ cf. Joh. 1,1-3.

¹¹⁷ Ps. 32,9; 148,5.

¹¹⁸ Nomen Hebraicum primo fuit Jehôšûa', deinde Jêšûa', quod Septuaginta voce Ἰησοῦς reddidit, v.Foerster: ThWB NT III (Stuttg.1938) 284-287.

¹¹⁹ Is. 62,2.

ut dicit Isaias propheta. Sed Deus loquitur per intellectum et intellectus per rationem et ratio per sensum etc.

31 - “Ouçam o que Deus fala em mim”¹²⁰, etc., de modo idêntico, acerca do nome “Eu”¹²¹, de que modo Deus diz: “Eu sou Deus onipotente”¹²²; e “Eu sou”¹²³; e “Eu sou o que sou”¹²⁴. E [nota] que Cristo diz: “Eu sou o alfa e o ômega”¹²⁵. A partir disso, [nota] que “Eu”¹²⁶ não convém a não ser a Deus e ao senhor Jesus, porque os supostos “outros” não subsistem propriamente, pois sua hipóstase não é a eternidade.

Fim do Sermão 48.

¹²⁰ Sl. 84:9.

¹²¹ Gn. 17:1 et 3

¹²² Gn. 17:1 et 3

¹²³ Ex. 3:14.

¹²⁴ Ex. 3:14.

¹²⁵ Ap. 1:8; 21:6; 22:13.

¹²⁶ Ap. 1:8; 21:6; 22:13.

31 - «Audiam, quid loquatur in me Deus»¹²⁷ etc. Item de nomine «Ego»¹²⁸: Quo modo Deus dicit (Gen. 17o): «Ego, Deus omnipotens»¹²⁹; et: «Ego sum»¹³⁰; et: «Ego sum, qui sum»¹³¹. Et Christus dicit: «Ego sum Alpha et Omega»¹³². Unde «Ego»¹³³ non convenit nisi Deo et Domino Jesu, quia alia supposita non proprie subsistunt, cum hypostasis eorum non sit aeternitas etc.

Ende von Sermo XLVIII.

¹²⁷ Ps. 84,9.

¹²⁸ Gen. 17,1 et 3

¹²⁹ Gen. 17,1 et 3

¹³⁰ Ex. 3,14.

¹³¹ Ex. 3,14.

¹³² Apoc. 1,8; 21,6; 22,13.

¹³³ Apoc. 1,8; 21,6; 22,13.